

TRÊS EMPREGOS, CORRERIA, EXERCÍCIOS E SOLIDÃO

Mestre de pingue-pongue do atento roqueiro Lucas, SÉRGIO NEI Carvalho é professor de educação física e *personal trainer*. Todos os dias, ele deixa o apartamento onde mora — no Cruzeiro Velho — e dirige até a Escola Parque 303/304 Norte para encontrar os alunos de 5ª a 8ª séries.

Lá, Sérgio tem um só objetivo: incentivar os garotos tidos como menos habilidosos a criar gosto por um esporte não tão popular assim.

O professor tem 26 anos e começou a praticar esportes muito cedo. Com 15 anos, mudou-se de Brasília para morar sozinho em Recife. Foi para o Nordeste jogar futebol em um time de categoria infantil.

Depois de tomar muita pancada, decidiu voltar para Brasília e terminar os estudos. Formou-se em educação física há três anos pela Universidade Católica.

Para Sérgio, o ensino tradicional de esportes peca pelo excesso de cobrança sobre os alunos.

“Um garoto de 12 anos não tem condição de suportar tanta pressão. Os professores e os pais exigem que ele sempre vença, que ele seja sempre o melhor. Esta cobrança é negativa e não funciona”, argumenta.

Ele aposta em outra fórmula. “A meta não é criar um campeão. É fazer com que as crianças tenham conhecimento de várias modalidades esportivas e sintam prazer em praticar exercícios”, explica.

Além do tênis de mesa, os alunos da Escola Parque 303/304 Norte têm aulas de capoeira, futebol, vôlei, basquete, dança e handebol. Passam seis meses em cada modalidade.

Sérgio revela que Lucas é um dos melhores alunos da turma de pingue-pongue. “Ele é excelente. É um dos mais cotados para ser campeão do torneio educativo que a escola está promovendo.”

Se Lucas não vencer, não tem problema: vai ganhar medalha do mesmo jeito. É que a escola decidiu premiar todos os alunos que participam do torneio. “Se só um recebe prêmio, a tendência é que a maioria desista de continuar no esporte”, diz.

Além de dar aulas na escola, Sérgio é **PERSONAL TRAINER** no Parque da Cidade. No parque, orienta alunos que não têm tempo para acompanhar o ritmo de uma academia de ginástica ou precisam de atenção especial para a prática de exercícios físicos.

A opção pelo Parque da Cidade tem um bom motivo. “O local oferece uma boa estrutura para o *personal trainer* trabalhar. A gente conta com barras paralelas, pranchas de abdominal e pistas para caminhada, corrida e pedalada. É um circuito inteligente”, explica.

Quando o dia acaba, Sérgio não vai para casa descansar. Começa um terceiro expediente de trabalho — desta vez em uma academia de musculação. Ele arrenda a sala de halteres do Clube do Exército, no Setor Militar Urbano (SMU).

O professor sobe as escadas de degraus estreitos e dá boa tarde aos alunos. Ricardo — que exercita os braços e está molhado de suor — responde ao cumprimento com um aceno de cabeça.

O MILITAR SOLITÁRIO, DE FAMÍLIA POBRE, QUER ESTUDAR INFORMÁTICA

Empapado de suor, exercitando os braços e mostrando muita disposição, RICARDO Volothen não tem muito tempo — nem jeito — para cumprimentar o *personal trainer* Sérgio de outra forma.

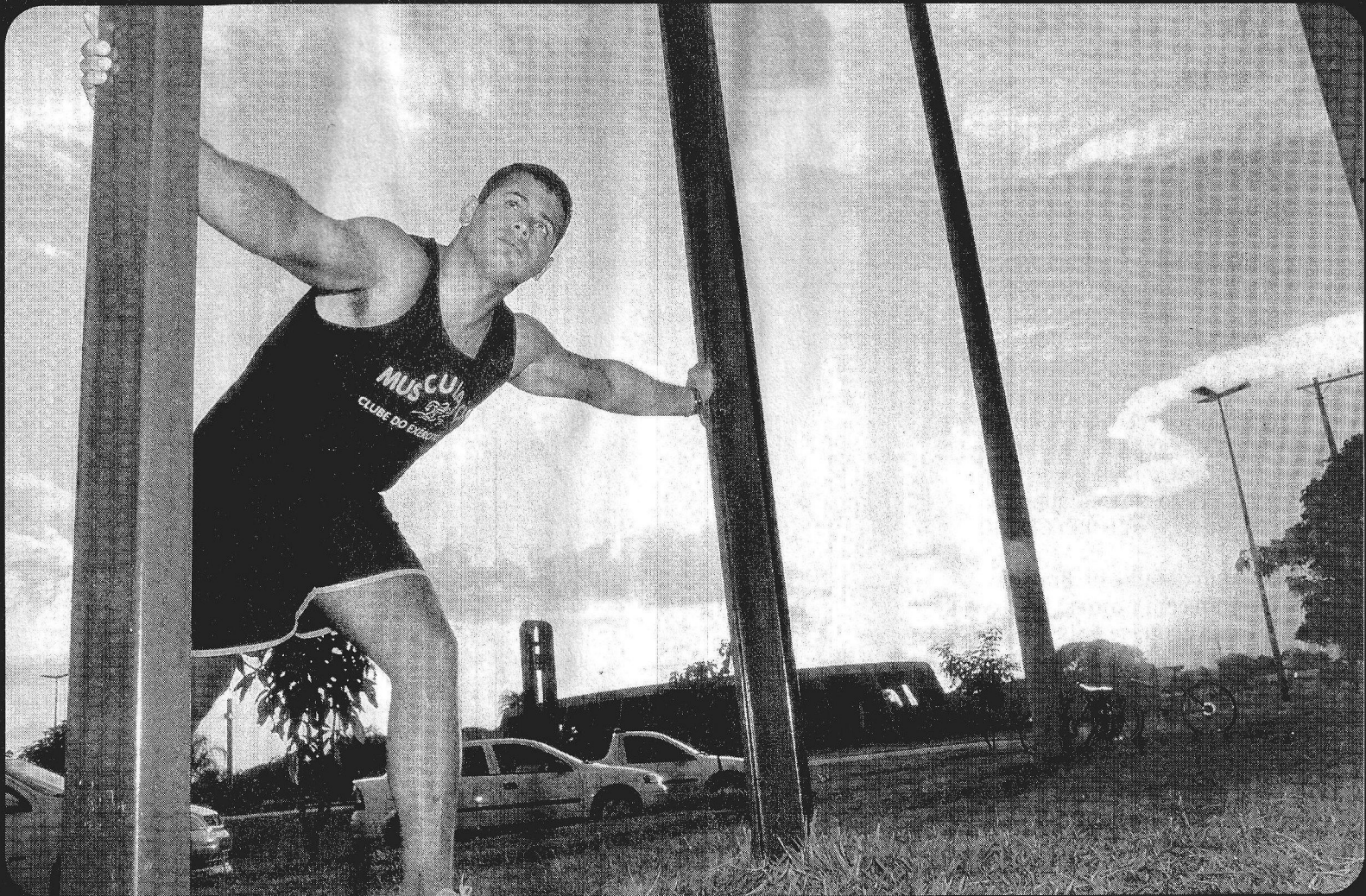
Ricardo é um curitibano de 22 anos que veio para Brasília trabalhar como cabo do Exército. Nasceu em família pobre, não tinha muita perspectiva de estudo e não conseguia arrumar um bom emprego no Paraná.

Há três anos, foi chamado para servir no Batalhão da Guarda Presidencial (**BGP**). É pago para digitar ofícios para a Diretoria de Material de Comunicação, Eletrônica e Informática do Quartel General (QG).

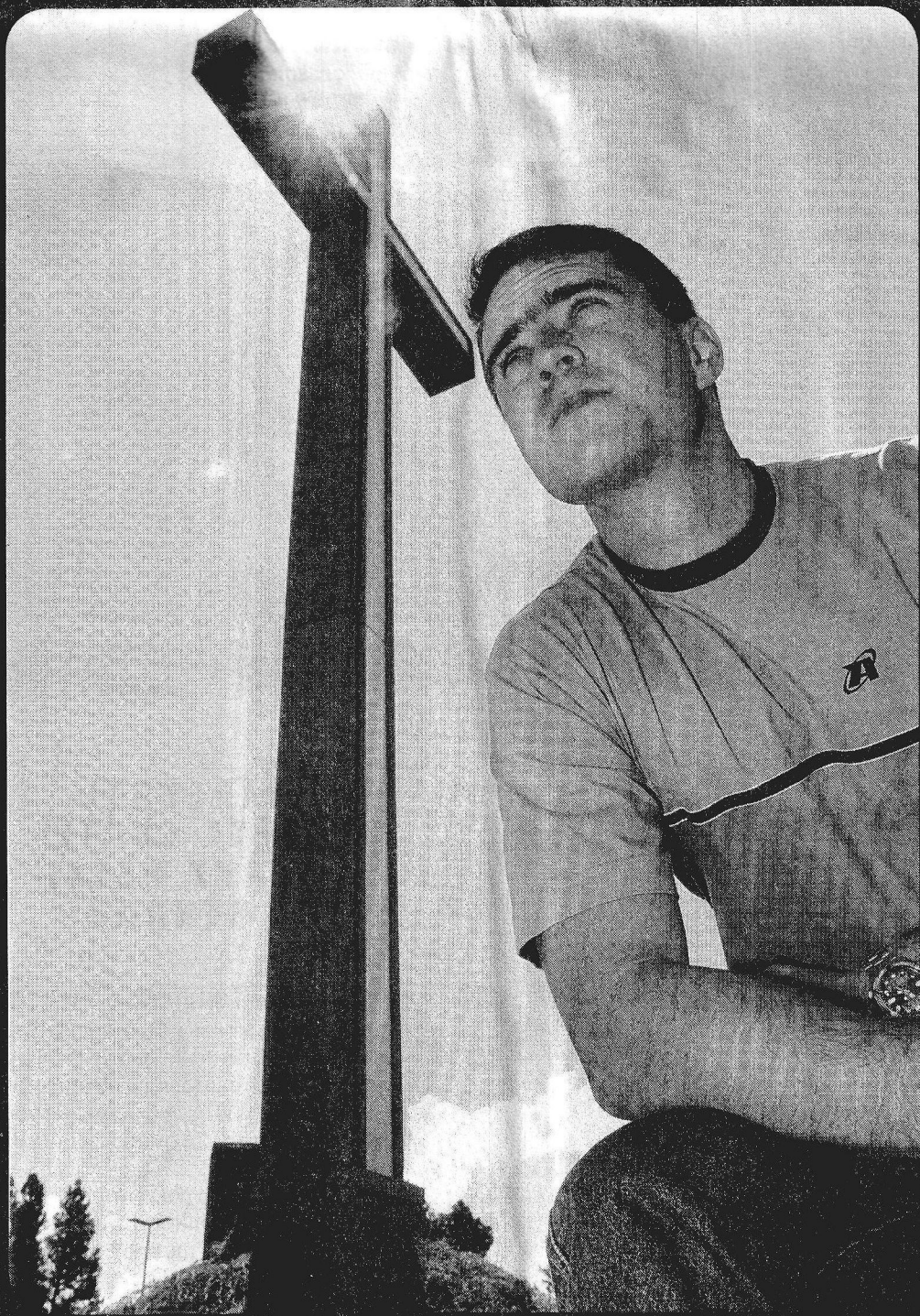
Não reclama do serviço. “Gosto da vida militar. Aceitei vir para Brasília porque queria muito seguir a carreira”, explica.

Ricardo é metódico e determinado. Quando chega do trabalho, não pensa em sombra e água fresca. “Eu vou é estudar muito para passar no vestibular”, afirma.

Ele não faz cursinho pré-vestibular. Entra no alojamento do Setor Militar Urbano (SMU) com os livros na mão e tenta aprender tudo sozinho. Quando tem alguma dúvida, pede ajuda a outros militares que têm formação em matemática e português.



SÉRGIO NEI ENSINA PINGUE-PONGUE NA ESCOLA PARQUE, É *PERSONAL TRAINER* NO PARQUE DA CIDADE E AINDA ALUGA UMA SALA DE HALTERES NO SMU



RICARDO VAI FAZER VESTIBULAR, MAS NÃO TENTARÁ A UNB: “SEI QUE NÃO TENHO BASE SUFICIENTE”

O cabo quer fazer faculdade de informática, mas não pensa em prestar vestibular para a Universidade de Brasília (UnB). “Sei que não tenho base suficiente para entrar lá. Se tivesse mais tempo para estudar, até conseguiria”, acredita.

Ricardo vai tentar entrar em uma universidade particular de Brasília. Dinheiro para pagar o cur-

so, ele garante que já tem. “Sou muito econômico. Juntei tudo o que pude para pagar minha faculdade”, explica.

O cabo não é de se divertir muito, por dois motivos bem simples. Um: ele é muito tímido. Dois: o militar se sente um pouco hostilizado pelos brasilienses. “O povo daqui é um pouco difícil de con-

PERSONAL TRAINER.

Para contratar um *personal trainer*, como Sérgio, é preciso ter muito dinheiro no bolso e bastante disposição para malhar. Para cada hora de treino, esses profissionais cobram entre R\$ 25 e R\$ 100. O Conselho Regional de Educação Física do Distrito Federal não tem informações precisas de quantos profissionais desse tipo existem no DF. Mas sabe-se que pelo menos 3 mil profissionais formados em Educação Física trabalham em academias e clubes da cidade. A procura pela boa forma é um mercado promissor: existem 280 academias no DF, locais onde malham cerca de 30 mil pessoas. Isso sem contar os atletas de fim de semana que lotam o Eixão do Lazer e Parque da Cidade. Todos atrás de mais preparo físico e menos gordurinhas.

BGP.

O Batalhão da Guarda Presidencial, onde serve o cabo Ricardo Volothen, foi criado no século 19 para cuidar da integridade do Imperador. Hoje, 1.300 homens fazem parte do BGP. Eles zelam pelo patrimônio da Presidência da República — o Palácio da Alvorada, Palácio do Planalto, Palácio do Jaburu e Granja do Torto. Por esse motivo, chova ou faça sol, há sempre um soldado do BGP vestido com uma farda histórica — a mesma usada na época do Império — em frente a esses prédios. Os soldados do BGP também participam dos cerimoniais para receber os chefes de estado de outros países e, nos casos de manifestações contra o governo, são responsáveis pela defesa interna.

viver. Se você chega para conversar com uma garota, ela pensa logo que é uma cantada”, reclama.

Ele já se acostumou a viver sozinho. Tem como única companhia a rotina severa da carreira militar. Acorda antes das sete da manhã e toma café no alojamento do SMU. Sobe na moto que comprou em Brasília e pilota até o QG. Só volta para casa no final do dia. Se tem disposição, vai malhar na academia do Clube do Exército. Se não, se entrega aos livros.

Ricardo vai a cada três meses a Curitiba e também é visitado pelos parentes na capital federal. “Gosto de estar em Brasília, mas não penso em morar aqui para o resto da vida. Quero conhecer outros lugares”, diz.

Ele aproveita o tempo livre para fazer exercícios na academia de musculação e para rezar no Oratório do Soldado — a capela próxima ao Clube do Exército. Todos os domingos assiste à missa na igreja.

É por lá que sempre encontra Jordana — uma mineira de 16 anos que canta na missa e coordena o grupo de jovens que se reúne na capela. Depois da celebração, Jordana tenta convencer Ricardo a participar dos encontros de jovens.

— Aparece lá no grupo. Você vai ver como é legal.

Ele não aceita. Já se acostumou a viver sozinho.